



GT06 - Educação Popular – Trabalho 1260

DESVELANDO SABERES E REFLETINDO SOBRE O SABER-FAZER DE COSTUREIRAS

Carla Melissa Barbosa – UFRGS

Agência Financiadora: Capes

Resumo

Com base em pesquisa realizada com quatro costureiras, pretende-se uma reflexão sobre os saberes de mulheres trabalhadoras do ofício da costura. Tem como objetivo dialogar com algumas questões propostas pela ergologia com relação a produção de saberes em atividade de trabalho. O trabalho com a costura é caracterizado como sendo um trabalho do mundo feminino, neste caso específico, exercido no âmbito privado, descolado da formação profissional e dos saberes escolares. Neste sentido a hipótese é que o conhecimento envolvido no processo de feitura, o saber-fazer e toda sua complexidade, ficam invisibilizados e, dessa forma, se tornam pouco valorizados. Por outro lado, o texto busca também refletir sobre o patrimônio de saberes das mulheres, e seus fazeres, e as possibilidades que se abrem para autonomia, seja para suprir necessidades de subsistência ou de liberdade.

Palavras-chave: costureiras; saberes; invisibilidade, renormalização.

Primeiros pontos

Esta investigação se debruça sobre os saberes do trabalho, produzidos e mobilizados na atividade de trabalho, de mulheres costureiras das classes populares. Tem como objetivo visibilizar e refletir sobre os saberes do trabalho destas trabalhadoras autônomas. Perrot (2015, p.16) argumenta sobre a invisibilidade das mulheres na história e, por consequência, invisibilidade de tudo o que permeia o seu mundo (privado) devido ao “silêncio ao qual elas estavam confinadas”. Nesta questão incluímos a invisibilidade dos saberes das mulheres.

Dessa forma, conhecer, escutar, reconhecer e entender a história de vida e de trabalho de costureiras se faz necessário, no sentido de contribuir com a investigação do patrimônio de conhecimento de mulheres adultas oriundo da sua história de vida e da atividade de trabalho. Pensar no trabalho autônomo de mulheres, realizado no espaço

privado, como alternativa de subsistência, e na produção de saberes distante dos espaços escolares de formação, carrega a necessidade de refletir nas condições que as levaram a tal opção.

A investigação parte de entrevistas narrativas nas quais as trabalhadoras contam sua vida de trabalho, seus aprendizados e seus saberes. Nas entrevistas as costureiras narraram sobre a opção pela costura como forma de garantir a subsistência, sobre o processo de aprender fazendo e os saberes que fazem parte do seu trabalho em função das diversas demandas, da curiosidade e do desejo de fazer bem feito.

De onde se olha e para quais saberes se deseja olhar

Questão pertinente nesta investigação, no sentido de respeitar e valorizar os saberes e fazeres das costureiras, foi não pensar as trabalhadoras como uma tábula rasa, mas reconhecendo seus saberes com base na premissa de educação na relação como prática libertadora através da “problematização dos homens em suas relações com o mundo” (FREIRE, 1987, p.67).

Em um contexto no qual prevalecem as formas capitalistas de organização, conhecer, dar voz aos saberes não escolares, aos saberes da experiência de adultas trabalhadoras, em posição de aprendizado e de troca, é uma tentativa de romper com uma lógica meritocrática que nos ensina que saberes legítimos são somente aqueles certificados pelas instituições escolares e pela ciência formal. Dessa forma, se fala de um lugar de pesquisa que valoriza os saberes da experiência das trabalhadoras.

Existem muitas categorizações e tipificações do conceito de saber. Estas, por sua vez, hierarquizam os diferentes tipos de saber, sendo os saberes escolares elevados em detrimento dos saberes da experiência vivida pelos sujeitos.

Conforme Santos (2000, p.294) “um debate atual coloca na ordem do dia a necessidade de resgatar as dimensões esquecidas dos saberes chamados menores elevando-os à maioria”. Nesse caminho, diversos estudos têm buscado reconhecer, valorizar e legitimar os saberes dos trabalhadores sejam estes denominados como práticos, popular, operário, saber ser, saber-fazer, entre outros. Dessa forma, vale retomar um pressuposto básico de Paulo Freire (1997, p.55) “o do inacabamento do ser humano”, e de sua inconclusão como próprio da experiência vital. Um ser que é pensante, que é curioso, ingênua ou epistemologicamente, e que é criativo, sendo que a produção *de saberes no trabalho e para o trabalho* “implica o exercício da curiosidade” (ibidem, p.95).

As pesquisas também têm abordado os saberes populares, o trabalho e o conhecimento produzidos por mulheres através das artes manuais e do trabalho artesanal, problematizando a suposta separação entre o trabalho manual e o intelectual, a invisibilização e a não valorização do conhecimento que as mulheres carregam. Destacamos reflexões apresentadas por Eggert e Silva (2012), Becker (2014), e em especial o trabalho de pesquisa de Silva (2012), no qual as trabalhadoras da pesquisa ganham corpo através das suas narrativas relativas às vivências familiares, às lembranças da infância, às trajetórias de estudo e de trabalho. Segundo Silva (2012), são questões, muitas vezes, consideradas de menor importância e que, aparentemente, pouco aparecem nas pesquisas.

Escutar e conhecer mulheres cuja profissão é um ofício tido como um "trabalho de mulher", vinculado às "habilidades femininas", deu visibilidade à questões do feminino que se manifestam ou, muitas vezes, se ocultam nas histórias de vida (EGGERT; SILVA, 2012, p.57) e de trabalho de costureiras. Neste sentido, é importante chegar o mais próximo possível do desafio de visibilizar e valorizar saberes do mundo do trabalho de mulheres costureiras; saberes que, porque tácitos, não são reconhecidos como "saberes" e nem como conhecimento digno de ser valorizado e reconhecido socialmente.

Profissãozinha esquecida!¹

Nas décadas de 1980, 1990 e nos anos 2000, era comum encontrar costureiras que, em suas residências, trabalhavam confeccionando peças encomendadas por clientes. Normalmente eram mulheres das classes populares, com pouca ou nenhuma formação escolar, reconhecidas pelos trabalhos belos e de boa qualidade – “vinham aquelas mulheres chiques de Porto Alegre e de outras cidades fazer roupas comigo” (Tulipa). O trabalho das costureiras sofreu com as novas configurações do mundo do trabalho, particularmente com a terceirizações nas grandes empresas e o surgimento das chamadas facções (LEITE, 2014).

As costureiras² desta investigação aprenderam e se formaram, como muitos trabalhadores, em atividade de trabalho. O processo de se tornar uma profissional da costura ocorreu através do aprendizado com outras mulheres e centrado na experiência de trabalho. Possuem um longo tempo de trabalho no ofício da costura e trabalharam, a

¹ Fala da Costureira Rosa.

² Açucena, Orquídea, Rosa e Tulipa (nomes fictícios escolhidos por elas).

maior parte de suas vidas, em suas casas, de forma autônoma, ou seja, sem estarem vinculadas a uma relação direta com a produção industrial. Sua demanda e produção se liga diretamente ao cliente final. O aprendizado é fruto das relações sociais estabelecidas no ofício com as clientes e nas relações com mulheres da rede familiar: mães, avós, tias. Segundo Charlot o conceito relação com o saber é entendido como “a relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontando-se com a necessidade de aprender (...). É o conjunto (organizado) das relações que um sujeito que um sujeito mantém com tudo que estiver relacionado com o aprender e o ‘saber’ (2000, p. 80).

Começaram a trabalhar muito cedo, a costura “*apareceu*” e foi se tornando uma profissão. Não fizeram cursos profissionalizantes e utilizam muito a expressão “*aprendi na marra*”³. Conhecem e realizam todo o processo do ofício da costura, além de outras artes manuais. Aprenderam a costurar, bordar, fazer tricô e crochê, na infância e na adolescência, observando a atividade de outras mulheres e até na escola como parte do processo de socialização feminino. Elas não têm e não tiveram, no período em que trabalharam a domicílio, uma relação de subordinação direta ao capital, mesmo que a situação em que se encontrem enquanto classe seja fruto do lugar que ocupam no sistema capitalista. Possuem todas as ferramentas necessárias para realizar o seu próprio trabalho, as quais foram adquirindo conforme a necessidade. Sendo assim, são proprietárias dos meios de produção, sendo que o mais importante é a máquina de costura.

O desejo de aprender, a curiosidade, a necessidade de subsistência e o reconhecimento do trabalho, pela outra pessoa e por si mesma, foram fundamentais no seu processo de profissionalização. Costurando “*pra fora*”, em casa, de forma autônoma, conseguiram suprir as necessidades objetivas de sobrevivência. Para Freire (2000) deve-se tomar como referência, a história, a cultura, o ‘saber de experiência feito’, não para ficar neste saber, mas para, a partir dele e superá-lo.

Como realizam todo o processo da costura, têm-se como interesse norteador conhecer os saberes que as trabalhadoras possuem e acumularam, oriundos da experiência de trabalho, que muitas vezes ficam invisíveis e são considerados de menor valor.

Saberes que brotam da experiência

³ A expressão “na marra” se fez presente, de uma ou de outra forma, em todas as entrevistas. Implica em aprender na prática, sozinha, através da experiência.

Entre as questões centrais desta investigação, está o interesse e a hipótese de que estas mulheres costureiras possuem o domínio dos saberes e do processo do ofício da costura bem como diversos saberes relacionados às atividades manuais e artesanais. Estes, por sua vez, são mobilizados e incorporados no trabalho, de forma inconsciente, muitas vezes não percebidos como saberes. Também, as lembranças do que vamos nomear de “*obras de arte da costura*”, que crescemos de certa forma acompanhando, vendo, observando - trabalhos belíssimos realizados por costureiras autônomas, das classes populares, em suas residências. Os fazeres e a circulação de saberes se davam em espaços pequenos, com prateleiras cheias de sacolas e encomendas, com papéis contendo desenhos de moldes, anotações de medidas e datas para entrega. Tudo sendo realizado junto ao trabalho doméstico, ao cuidado dos filhos e da família de origem. Neste sentido buscamos visibilizar de que forma aparece na narrativa os saberes do trabalho de costureiras, e que saberes são estes visíveis ou invisíveis.

Segundo Fischer e Lousada (2010), na concepção de educação bancária em Paulo Freire, o saber pode ser visto como aquele que é legítimo, hierarquizado, reconhecido socialmente através das regras e normas estabelecidas, que determinam ser este o saber de mais valor. Este é o caso do saber científico. Neste caso, a sociedade é formada pelos que sabem e pelos que não possuem saber. Por outro lado, segundo estes autores, para Freire, os saberes são diversos, produzidos na experiência, em diferentes tempos, espaços e sociedades. Portanto, todos sabemos algo e esse algo não pode ser hierarquizado, são saberes que devem ser respeitados.

[...] na concepção dialógica da educação, existem diferentes tipos de saber, não hierarquizados, não merecendo ser classificados mecanicamente como válidos ou inválidos. Dessa forma, são considerados relevantes os saberes dos educandos inseridos no espaço escolar ou noutras alternativas em educação, elaborados na vida cotidiana, ou seja, trata-se dos saberes de experiência feitos que são elaborados na experiência existencial, na dialógica da prática de vida comunitária em que estão inseridos, no circuito dialógico, “homens-mulheres-mundo”. (2010, p.367)

Os saberes são socialmente construídos nas práticas sociais e na experiência, bem como são socialmente hierarquizados, ditos de maior ou menor valor. Santos (2000) define saber como substantivo para designar: 1. o ato de saber, ou o processo através do qual o sujeito aprende; 2. o fato de saber, ou a situação daquele que aprendeu algo; 3. o produto da aprendizagem do sujeito, ou objetos culturais, institucionais, sociais. Os categoriza em: Saber Científico; Formal; Intuitivo; Operário; Popular; Saber Prático/Saber Fazer/Savoir-Faire - utilizada para designar o produto de uma

aprendizagem do trabalhador e sua disposição para mobilizar os seus saberes no trabalho sempre que necessário. Compreende os saberes práticos, empíricos, as manhas do ofício, o golpe de vista; Saber-Ser (p.294-298). Segundo Araujo (2000), tem-se ainda o “Saber Tácito que é o conhecimento que a pessoa tem, mas do qual não está ciente de modo consciente. É resultante da experiência, da história individual ou coletiva dos indivíduos.

Entendemos que a atividade de trabalho produz conhecimento, saberes e aprendizados que nem sempre são sistematizados, mas que existem e são fontes de conhecimento. A formação em si, acontece no processo de trabalho, no fazer, em que as costureiras apreendem constantemente o ofício, na prática e nas trocas com as demais trabalhadoras. A abordagem ergológica, que se abre para o interdisciplinar com uma postura filosófica sobre atividade humana, procura conhecer o trabalho levando em conta as inúmeras variáveis que o permeiam. Debruça-se sobre a atividade de trabalho na perspectiva de conhecê-lo na sua totalidade. Entre o previsível e o real, o abstrato e o concreto, tem-se uma infinidade de situações que tornam a atividade de trabalho singular. As trabalhadoras se educam, se formam, ressignificam seus saberes a partir da atividade de trabalho sendo assim, elas são sujeito do trabalho.

Os atos de trabalho não encontram o trabalhador como uma massa mole onde se inscreveria passivamente a memória dos atos a reproduzir. (SCHWARTZ, 2000, p.41)

Nesta abordagem, o trabalhador constantemente age sobre o próprio trabalho. Cria suas condições, recria o seu trabalho, interfere no processo. Isso acontece porque uma infinidade de situações permeia a atividade de trabalho. Experiências diversas, necessidade de pequenas e grandes decisões, sentimentos, emoções, conflitos, questões da ordem do simbólico, entre outras, se misturam no fazer. O fazer do trabalhador, por sua vez, está relacionado com sua história de vida, com suas experiências, com seus saberes e valores, suas ideologias e neste sentido, não é apenas a reprodução de um trabalho prescrito.

O trabalhador age sobre o trabalho, fazendo escolhas, com o objetivo de melhorá-lo já que na relação entre o que é prescrito e o que é realizável, existe uma infinidade de situações.

Todo o trabalho, porque é o lugar de um problema, apela um uso de si. Isto quer dizer que não há simples execução mas uso, convocação de um indivíduo singular com capacidades bem mais amplas que as enumeradas pela tarefa. Trabalhar coloca em tensão o uso de si requerido pelos outros e o uso de si

consentido e comprometido por si mesmo. (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p.5)

É característica do uso de si “o indivíduo no seu ser que é convocado; recursos e capacidades mais vastos do que os que são explicitados; demanda específica (livre disposição de um capital pessoal); manifestação de um sujeito; aquele que se quer fazer de você; aquele que cada um faz de si mesmo” (SCHWARTZ, 2000, p.41). Como o trabalhador não é um autômato ou morto-vivo (ibidem), ele não reproduz simplesmente a norma, ele faz *uso de si* e estabelece um debate com as normas, alterando estas normas, *renormalizando-as*. A renormalização evidencia a singularidade do indivíduo num mundo, no qual é obrigado a seguir normas e regras dadas para o coletivo. Em ambos os casos, relaciona-se com a necessidade de sobrevivência, tanto no meio social como parte de uma sociedade, mas também como sujeito único e singular que vem a ser.

O ser humano, como todo o ser vivo, está exposto a exigências ou normas, emitidas continuamente e em quantidade pelo meio no qual se encontra. Para existir como ser singular, vivo, e em função das lacunas das normas deste meio face às inúmeras variabilidades da situação local, ele vai e deve tentar permanentemente re-interpretar estas normas que lhe são propostas. Fazendo isto, ele tenta configurar o meio como o seu próprio meio. É o processo de renormalização que está no cerne da actividade. Em arte, cada um chega a transgredir certas normas, a distorcê-las de forma a elas se apropriar. Em parte, cada um sofre-as como algo que se impõe do exterior [por exemplo, a linguagem é na actividade um esforço de singularização do sistema normativo que é a língua] (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p.6)

Neste sentido, as costureiras, não sendo uma máquina repetidora de uma norma, que não reage ao que o meio lhe impõe, estão constantemente renormalizando, de forma a tornar singular, sua atividade de trabalho. São profissionais cuja atividade de trabalho é constituída de saberes diversos, que não apenas a costura em si. Trabalhando em casa e sozinhas, era necessário ter o conhecimento de todo o processo da costura desde a criação, passando pelo desenho e confecção dos moldes, o corte, o alinhavar, o costurar, consertar, bordar e, muitas vezes, produzindo modelos próprios. Como seu aprendizado se deu, ao longo dos anos, distante dos espaços legítimos de formação, elas aprenderam muito do seu fazer, sozinhas. Soma-se ao fazer da costura, o saber-fazer de diversos tipos de bordado, a pintura em tecido, o crochê e o tricô, entre outros saberes que incorporam às encomendas conforme a demanda das clientes. Como afirmou Rosa, “*antes de ter aula de costura com a professora, eu já tinha meus dotezinhos, eu bordava, fazia a roupa das bonecas*”, porém apareceram naturalizados.

A norma externa, no caso delas que trabalhavam sozinhas e sem alternância com formação, era dada pela moda. Através da leitura das revistas de moda e modelagem, e conforme o nível de exigência das clientes, somavam saberes nesta área.

Na verdade, eu virei costureira na marra bordadeira na marra aí eu fazia do mais simples ao mais sofisticado e não tinha técnica entendi eu ia aprendendo eu ia lendo eu ia vendo isso é muito meu eu fui para costura porque eu sempre gostei das meninas amiguinhas eu sempre costureira eu aprendi na marra e depois eu tive técnica, mas eu perdi tudo porque eu tinha que ir lá no caderno que era maravilhosa. (Rosa)

E eu nunca fiz um curso de corte e costura, em lugar nenhum! Sempre foi isso que eu aprendi na prática. Depois eu comparava aquelas revistas para tirar molde. Pegava aquelas revistas, tirava o molde da revista. Tinha o número, eu aprendi sozinha, era bem fácil, não era difícil! Vinham os moldes dentro, com os números 40, 42, 44, 46, vários números. Se eu precisava, eu mesma aumentava o número. (Orquídea)

As exigências das clientes, da moda, da própria costureira, combinado com o grande volume de trabalho, faziam com que elas constantemente renormalizassem a atividade de trabalho. Rosa, que “*não era boba*”, utilizava muito as revistas como fonte de aprendizado, para fazer uso dos moldes e facilitar seu trabalho. Não deixava de comprar as revistas e fazia as coisas sempre dialogando com seu gosto e com suas possibilidades:

As revistas, eu comparava, aquilo era sagrado. Deus do céu se eu ficar sem a Manequim do mês, até porque era necessário, as pessoas tinham que ver o que estava na moda. A manequim era minha preferida, usei muito pouco a Burda, eu não gostava, era outra língua. Tinha uma outra, Moda Moldes mas eu não gostava, para mim era a Manequim que era boa. Hoje não, acho que ela não existe mais, mas até pouco tempo atrás, ela já vinha dessa finurinha e mais era propaganda. Mas na época, eu considerava ela, era muito boa. As pessoas chegavam e olhavam o modelo, aí eu ia pesquisar bem. Quase que todos tinham molde e claro que eu não era boba! Eu não mostrava os que não tinham. Aí eu dizia: ‘essa aqui não é legal’. Eu tinha que dar a minha opinião né, e claro que eu ia dizer aquilo que eu gostava, mas não me lembro de alguém ter voltado e dizer: ‘eu não gostei disso’. (Rosa)

Nos livros, mas especialmente nas revistas, era onde elas buscavam o saber formal e sistematizado para não terem que fazer tudo do zero a partir das demandas das clientes.

Ela comprou o livro e me ensinou tirar os moldes do livro. E foi ali que eu comecei, mas depois que eu vim para cá e deixei de usar aquele livro e comecei a tirar o molde das revistas, da manequim, da moda moldes. E eu nunca fiz um curso de corte e costura, em lugar nenhum! Sempre foi isso que eu aprendi na prática. Depois eu comparava aquelas revistas para tirar molde. Pegava aquelas revistas, tirava o molde da revista. Tinha o número, eu aprendi sozinha, era bem fácil, não era difícil! Vinham os moldes dentro, com os números 40, 42, 44, 46, vários números. Se eu precisava, eu mesma aumentava o número. (Orquídea)

Neste debate com as normas e os usos de si que as trabalhadoras fazem, tem uma questão de sobrevivência com relação ao trabalho e todos os desafios que ele impõe. Sobrevivência no sentido de não ultrapassar os limites do corpo e da mente. Mesmo assim, quando o trabalho é feito por conta própria, sendo base da renda da família,

estabelecer os limites do corpo também entra numa renormalização com esses limites. Quando isso acontece, como foi o caso de Orquídea, o trabalhador adocece. Ela teve uma espécie de colapso aos 30 anos e aos 55 anos teve que parar definitivamente com a costura devido a um problema sério de coluna, consequência de mais de trinta anos de trabalho sentada.

E eu fazia os que tinham mais pressa. Os que não tinham, iam ficando. Eu não conseguia nunca dar conta daquilo e não tinha como botar uma pessoa, porque não dava certo. Eu tinha que calcular quantos que eu ia fazer por semana. Não sei por que elas vinham, porque barato, barato eu não cobrava. E eu nem me cuidava. Eu ficava lá, o dia inteiro. Tomava banho e deu. Era muito puxado. Por isso que eu queria que a Vandri estudasse, para ela ter horário para trabalhar. Para não ter que trabalhar daquele jeito, naquela loucura que eu trabalhava. Na verdade, eu acho que eu fazia demais, sei lá se tinha saúde na época. E as pessoas, parece que obrigavam a gente a fazer. Era um saco! (Orquídea)

Ela entra num debate sobre seus limites, mas ao mesmo tempo tenta identificar o que consegue melhorar, para atender as demandas e cumprir os prazos. Está em jogo uma estratégia de sobrevivência que ela como trabalhadora que realiza todo o processo, precisa ter. Alguns moldes ela mantinha, para facilitar o trabalho.

Então não era tudo, tudo que eu fazia os moldes, porque alguns eu já tinha feito antes. Algumas clientes, eu tinha o molde da calça dela guardado. Aquilo ali me poupava muito tempo. E quando elas inventavam alguma coisa, eu mesma tinha que fazer, ficava pensando para fazer, tinha que inventar outro molde, acrescentar o que elas pediam. Mas depois que tu aprende a fazer certas coisas / e o meu trabalho era bom! Eu nunca consegui fazer nada, assim de qualquer jeito. O meu mal mesmo, eu não consegui ganhar muito dinheiro é porque eu não conseguia fazer as coisas, por exemplo, passar por cima de muita coisa. Tinha que ser no mínimo, nos mínimos detalhes. Eu não conseguia fazer nada a torto e à direita e até hoje. Sou muito detalhista, eu sou muito chata. (Orquídea)

Açucena também tinha suas estratégias para não ter problemas com retrabalho, utilizava seus saberes de estética para não ter retrabalho e as clientes saírem satisfeitas. Ter que refazer um trabalho, implicava em deixar de fazer muitos outros que já estavam em uma fila de espera.

As clientes vinham com um modelo pronto, mas muitas coisas eu dizia: 'olha, isso aí não vai sentar para ti'. Eu dizia, claro, como é que eu ia fazer um vestido de uma pessoa magrinha para uma pessoa gorda? Não dá, não fica bem. E depois iriam voltar para me incomodar. Então eu falava. Eu tinha noção do que ficava bem e o que não ficava. Não sei, acho que isso é do dom da gente. (Açucena)

Os saberes relacionados à organização do trabalho, às noções de moda e de corpo, a autogestão do trabalho, aparecem nas narrativas. Elas faziam desde comprar o tecido, escolher a modelagem, criar um figurino em alguns casos. Eram muito procuradas pela qualidade do seu trabalho o pelo valor estético do produto final. Chaud, ao recuperar suas lembranças sobre o trabalho de costura realizado pela sua mãe, comenta que

A cliente, ao encomendar a confecção personalizada de sua roupa, almejava sua valorização estética. A aparência corporal era um valor importante, como em outras sociedades, exercia função social. A roupa se apresenta como construtora de aparências e representações. (CHAUD, 2012, p.25)

Houve certa dificuldade de explorar os saberes do trabalho através das narrativas e das trabalhadoras expressarem em palavras. Sennett (2013) coloca essa dificuldade de falar sobre as coisas que fazemos como um “limite humano fundamental, o de que a linguagem não é uma ferramenta espelho”. Outro ponto é a banalização do fazer, e da atividade de trabalho cotidiana, que passa como despercebida, de menor importância ou como simples, como algo fácil de aprender ou de fazer. Neste sentido, os saberes apareceram nas narrativas na forma do saber-fazer.

Eu corto a roupa, agora eu não sei como é que eles cortam a roupa, mas eu faço o molde, todo ele no jornal e corto toda costura por molde. Não corto uma blusinha sem molde. Esse molde, eu faço na hora com as medidas da pessoa. Eu pego poucas medidas: comprimento, largura, ombro, degote, cava, busto, cintura, quadris, comprimento de tudo assim. Daí eu vou para o papel e desenho, uso régua também. (Açucena)

É presente o saber-fazer vestido de noiva, bombacha, vestido de prenda, vestido de festa, bordados diversos. De certa forma, elas faziam uma sistematização da atividade de trabalho, através da confecção de moldes padrão, moldes específicos de algumas clientes ou de roupas que eram mais solicitadas, por exemplo de blazers. Além de terem seus *caderninhos* com medidas das clientes, algumas medidas padrão e desenhos das roupas que as clientes “*inventavam*” na interação com elas.

Seus saberes e fazeres que ganham vida em um elevado grau de autogestão do próprio trabalho, no domínio de todo processo de trabalho, em certo grau de liberdade e criatividade lhes garantiam a possibilidade de, por exemplo, “*cozinharem bem*” pelo seu trabalho. E, neste sentido de domínio dos saberes necessários à realização do seu trabalho, convertendo sua produção em forma de ser/estar no mundo, elas se tornam protagonistas neste processo, apesar de toda precariedade que o excesso de trabalho e o estar a margem da legislação acarretam.

Considerações Finais

As entrevistas demonstraram uma invisibilidade dos saberes do trabalho para as próprias trabalhadoras que, ao longo da sua vida de trabalho, convocaram e renormalizaram seus conhecimentos de forma inconsciente. Saberes tão complexos transmitidos pelas mulheres, aprendidos, produzidos e mobilizados na atividade de

trabalho são naturalizados e pouco valorizados de forma explícita por elas. Percebeu-se uma relação muito íntima e indissociável entre a execução e a concepção na atividade de trabalho e muitas aproximações com o trabalho artesanal. A criatividade, as renormalizações, certa autonomia sobre o trabalho, estão muito presentes na atividade dessas costureiras autônomas, além de se verificar uma diversidade e quantidade de saberes como: tirar as medidas do cliente; definir a quantidade de tecido; cortar; calcular o custo da peça; fazer a gestão dos pedidos, comprar e escolher o material adequado; produzir moldes; bordar peças em ponto cruz (no de peças feitas para igrejas), além de, muitas vezes fazerem o trabalho de modistas, orientando as clientes e criando modelos.

É importante ressaltar que, apesar das histórias de vida destas trabalhadoras serem repletas de aprendizados complexos, de curiosidade, de criatividade, de criação, o que torna as narrativas muito ricas, não se pretende romantizar e relativizar a vida dessas mulheres e da classe trabalhadora. Ressalvo o desejo de dar voz às trabalhadoras de forma a visibilizar sua inteligência, seus saberes e seus fazeres. É objetivo, trazer, através das narrativas que sim, elas criam e recriam sua existência de forma criativa e complexa com aquilo que dispõem dadas as condições objetivas e subjetivas de que dispõem. Por outro lado, essas histórias de vida carregam consigo muito trabalho, de forma a garantir melhores condições de vida, opressão, distanciamento do direito à educação e dos direitos da classe trabalhadora e, muitas vezes, condições de existência precárias como aparece nas próprias narrativas.

Desde muito cedo, as costureiras tiveram que dar conta de reinventar suas existências, tendo que se distanciar dos espaços formais de educação e, conseqüentemente, de formas de trabalho menos precárias, mas ao mesmo tempo, imprimem em seu trabalho a criatividade e o belo da vida através dos *saberes não escolares*.

Dar voz a essas histórias de vida e trabalho, socializar estas experiências, tem significado visibilizar saberes do trabalho de mulheres no espaço privado e toda complexidade destes saberes. São saberes e potências que podem e devem ser compartilhados e visibilizados visando ampliar o autorreconhecimento, a emancipação e as possibilidades de pensar formas menos opressoras de trabalho.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo M. L. Conhecimento Tácito. In: Fidalgo, Fernando; Machado, Lucília. (Org.). **Dicionário da Educação Profissional**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

BECKER, Marcia Regina. **A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: ARTMED, 2000. 93p.

CHAUD, Eliane Maria. **A poética e o cotidiano: a costura em Cruz das Almas-BA**. 2012. 192f. Tese (Doutorado) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

DURRIVE, L. & SCHWARTZ, Y. (2008). **Glossário da Ergologia**. Laboreal, 4, (1), 23-28. Disponível em: <<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV6582234396587;63882>> Acesso em: 03 nov. 2011.

EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. Observações sobre Pesquisa autobiográfica na Perspectiva da educação popular nos estudos de gênero. **Revista Contexto e Educação**, v. 26, p. 51-68, 2012.

FISCHER, Nilton Bueno. LOUSADA, Vinícius. Saber (erudito/popular/saber de experiência). In: Danilo Streck; Euclides Redin; Jaime Zitkosky. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 367-368.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LEITE, Maria de Paula. **Tecendo a precarização: gênero, trabalho e emprego na indústria de confecções de São Paulo**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28, 2004, Caxambu, MG. [Anais]. CD- ROM. 2004. p. 1-30

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTOS, Eloisa Helena. Saber. In: Fidalgo, Fernando; Machado, Lucília (EE.). **Dicionário da Educação Profissional**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e usos de si. Pro-Posições, Universidade Estadual de Campinas, v. 1, n. 5, jul. 2000.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, Márcia Alves. **Trabalho de mulher?!**: *Alinhavando, bordando e costurando trajetórias de artesãs*. 1. ed. Pelotas: Editora Universitária, 2012. 176p.